

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

PROCESSOS COMUNICACIONAIS NO AMAPÁ: O JORNAL DO AMAPÁ COMO UM VEÍCULO DE HISTORICIDADE

Marlon Galeno Rodrigues Júnior

Mestrando em Comunicação, Cultura e Amazônia pela

Universidade Federal do Pará-UFPA

Bolsista Capes

Marlon.jr.mcp@gmail.com

Netília Silva dos Anjos Seixas

Pós Doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS

Professora associada da Universidade Federal do Pará-UFPA

netilia@ufpa.br

1- INTRODUÇÃO

Já diria a saudosa cantora Elis Regina, em um de seus versos do poema/canção Querelas do Brasil, que “o Brasil não conhece o Brasil” o que nos levar a refletir e hoje, dentro da respeitada liberdade poética, complementar esse verso dizendo que ambos desconhecem profundamente o Brasil Amazônico. Por essa razão, e entre outras, que o tema da presente pesquisa gira em torno da história da comunicação na Amazônia amapaense, uma das tantas AmazôniaS brasileiras que possuem profundas singularidades históricas, culturais e comunicacionais que fazem com que múltiplas inquietações possam ser objeto de estudo nesses locais.

Entender a Amazônia em uma dimensão plural consiste em entender a diversidade que essa região guarda em suas particularidades das memórias e formações dos Estados, municípios, comunidades, ruas, entre outras que, isoladamente, configuram tantas AmazôniaS dentro de uma só. Essa perspectiva reflete-se nas investigações sobre a história da comunicação no Amapá que, até 1943 era uma Amazônia paraense e, até 1988, foi uma Amazônia orquestrada em formato de Território Federal para só então, com a promulgação da constituição cidadã, torna-se um Estado da Amazônia legal.

Pensar nesses processos históricos de formação amazônica a partir dos veículos de comunicação pode revelar a maneira como os meios de comunicação mediarão as relações e/ou ideais de poder, de cultura e de comunidade que cercaram a região na sua formação social. Estamos falando de uma unidade federativa que emergia sob uma ótica de identidade local e nacional, que possuía, da sua implementação, o fulcro de satisfazer interesses governistas da época que visavam povoar a inabitável Amazônia brasileira.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O objeto da pesquisa é o jornal “AMAPÁ” e a forma como esse veículo impresso mediou as relações políticas, culturais e históricas do Amapá Território. A pesquisa, em fase embrionária do processo de mestrado, é uma tentativa de contribuição para a constituição de escritas plurais sobre a historiografia do Amapá, região que em 1943 abrigou interesses nacionais (e internacionais)¹ que consistiam em sanear, povoar e educar as regiões longínquas do país e/ou que representavam potenciais econômicos para o Brasil, sendo, dessa forma, instalados diversos Territórios Federais com o advento do decreto-lei nº 5.812, DE 13 de setembro de 1943.²

Dessa feita, a partir de análises de exemplares do jornal “AMAPÁ”, buscaremos entender os meandros e singularidades que esse periódico possuiu ao longo das suas edições nos cinco primeiros anos de circulação e seu potencial, histórico e comunicacional, para a pesquisa cultural na Amazônia e para a formação social e identitária do povo Amapaense bem como, de forma simultânea, constituir registros sobre a história da comunicação na Amazônia.

A busca pela história das disciplinas é, em geral, um processo cíclico para todo pesquisador que trabalha com teoria do conhecimento científico especializado, buscando sempre remontar contextos que justifiquem ou esclareçam quais processos se sucederam e desaguaram no estado atual da arte (ciência) na qual o mesmo encontra-se inserido. Dessa forma, em uma perspectiva de pensar a história da comunicação no Brasil e na Amazônia, com um recorte específico no Amapá, é que justifica-se academicamente essa pesquisa a partir das posições de historiadores da comunicação que entendem que a parcela fracionada de investigação pode compor, em uma noção de coletividade, a melhor história sobre um mesmo objeto (BARBOSA, 2007).

Nessa toada, entendo a necessidade de pensarmos na manutenção do passado, em especial os de raízes regionais, destacando a importância de desconstruir o “presente contínuo” e estabelecer relações com uma história de longa duração, entendendo que os processos não ocorrem de forma instantâneos, mas são construídos lentamente. Entender

¹ O Amapá abrigou uma base aero naval norte americana, marco da entrada do Brasil na segunda guerra mundial a partir de pressões políticas que os aliados, em especial o governo Americano, exerciam sobre o então presidente Getúlio Vargas (NUNES FILHO, 2020).

² O decreto mencionado criou os Territórios Federais do Amapá, do Rio Branco, do Guaporé, de Ponta Porã e do Iguassú, respectivamente desmembrados dos Estados do Pará, do Amazonas, de Mato Grosso, do Paraná e de Santa Catarina (BRASIL, 1943).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

o Jornal “AMAPÁ”, nessa perspectiva, consiste em entender como os meios de comunicação se relacionam com a história do Amapá, e a partir de quais processos essas relações se entrecruzam ou se distanciam (HOBSBAWN, 1995, P. 60).

Para a construção deste projeto tomamos como revisão literária algumas obras que permitam o conhecimento da formação histórica, social e comunicacional do Amapá, entre eles destacam-se Santos (1998) Souza (2016) e Silva (2018) que discutem aspectos políticos sobre o antigo Território Federal do Amapá; a obra de Luna (2017) que versa sobre o processo de construção do Amapá enquanto ente federado; as obras de Lobato (2018) e Dias (2014) que versam sobre a história da educação no Amapá tratando, entre outras fontes, os periódicos do Jornal “AMAPÁ”; Ferreira (2020) que versa sobre a História da teatralidade do antigo território federal do Amapá; os trabalhos de Manoel de Souza e Cesar Barreira (2019) que estudam a história do jornal enquanto produto de memória local.

2- SOBRE O AMAPÁ: UMA TERRA DE MUITAS HISTÓRIAS

Buscamos entender as relações comunicacionais, políticas e culturais estabelecidas no Território Federal do Amapá a partir da circulação do Jornal “AMAPÁ”, contudo é necessário abrirmos uma breve síntese sobre os processos históricos do Amapá, visando entender os processos de formação social, cultural e identitárias que forjaram o povo amapaenses.

As primeiras referências historiográficas sobre o Amapá, segundo Alves Filho (2000), são da passagem do navegante espanhol Vicent Pinzón, que chamou a região hoje compreendida como Estado do Amapá de “costas anegadas”, ou, “terras afogadas” e descobriu o rio Oiapoque, que por muito tempo levou o nome do próprio “descobridor”. O imaginário de Amazônia da época era folclórico (não que tenha deixado de ser em determinados casos) onde navegadores utopista versavam sobre cidades cobertas de ouro, civilizações de mulheres guerreiras e diabólicos monstros que viviam nessa região, registrando nos mapas portugueses, franceses, holandeses, irlandeses e ingleses da época esses devaneios em forma de gravuras.

Esse misticismo que envolvia a Amazônia potencializava as investidas estrangeiras na região, inclusive na Amazônia amapaense, que fora por muito alvo de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

contestação quanto aos limites existentes entre França e Brasil. Dessa feita, foi criada a cidade militar de Macapá, em 1758 (atual capital do Estado do Amapá) e em 1764 foi autorizada a construção da fortaleza de São José de Macapá, a maior intervenção arquitetônica portuguesa da América latina, que possuía o intuito de proteger a então capitania do cabo norte das invasões marítimas europeias que vinha pelo mar.

Contudo, o contendo sobre os limites territoriais do Amapá permaneciam vez que desde o século XVII, os franceses haviam começado a penetrar no território amazônico amapaense, fundando fortificações militares e criando embrionários povoados a margem do rio Araguari, que eles consideravam ser o rio Vicent de Pizon (rio Oiapoque) que era a real divisa entre Brasil e Guiana Francesa. O empasse se findou diplomaticamente quando Barão do Rio Branco, em 1900, buscou pacificar a situação com a mediação do governo suíço, e a fronteira entre Brasil e a França estabeleceu-se tendo o rio Oiapoque, fazendo com que os limites brasileiros avançassem na atual configuração de extremo norte que conhecemos, ficando sob a administração do governo paraense (CARDOSO, 2006).

É em 1943, que a história do Amapá começa a ganhar novos formatos, quando a região é desmembrada do Pará e elevado à condição de Território, ficando sobre a regência direta do governo federal, marcando assim o início do recorte temporal específico dessa pesquisa. Em poucas linhas podemos observar que o Amapá, em sua formação histórica, fora um espaço de intensos fluxos e tensões políticas, fazendo com que a comunidade local tivesse tido poucas experiências de unidade federativa, ou pertencimento nacional.

Com a implementação do Território Federal do Amapá, conhecemos a figura do interventor Janary Gentil Nunes, um militar paraense que era lotado no Rio de Janeiro e nutria fortes relações com o então presidente Getúlio Vargas. O interventor imprimiu um identidade política chamada de “Janarismo” que consistia na monopolização governamental do antigo Território Federal do Amapá por políticos (apoiadores e familiares) ligados a figura de Janary e durou de 1943 a 1970. Sobre o interventor, podemos destacar, nas falas do professor Fernando Santos, que:

Na preferência do ditador pela sua pessoa (Janary Gentil Nunes), contaram méritos militares, o fato de ainda não haver exercido função civil e o amplo conhecimento da região que iria governar. Havia em 1940, inclusive comandado a guarnição denominada Pelotão

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Independente de Fronteiras, sediada em Oiapoque, nos limites do Brasil com a Guiana Francesa. No momento da nomeação, em 27 de dezembro de 1943, comandava a 1ª Companhia Independente de Metralhadoras Antiaéreas, que organizou, sediada em Belém, no Estado do Pará e servia como oficial de ligação entre as tropas brasileiras e norte-americanas sediadas nessa capital. (SANTOS, 1998, p.28-29)

Dessa forma, uma das hipóteses que se levanta é de que, dentro em vista a forma em que se sucedeu a construção social do povo amapaense (invasões estrangeira, contestado, desmembramento paraense, intervenção federal), é que, desde a escolha do interventor até a experiências de planos de governo instituídos para o Território Federal do Amapá, houve uma preocupação em “nacionalizar” uma região que não viveu a experiência de pertencimento ao Brasil de forma plena, orquestrando e mediando esse projeto por meio de políticas educacionais, culturais e comunicacionais, como veremos adiante.

3- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Na presente pesquisa, utilizamos a metodologia qualitativa como base para análise das fontes, em especial para a investigação das fontes documentais, pois, por não possuir caráter quantitativo, essa metodologia permite uma perspicaz compreensão do contexto do objeto estudado, vez que se observa as particularidades gerais e individuais do objeto estudado.

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. [...]. Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens. Na pesquisa qualitativa, o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas. O desenvolvimento da pesquisa é imprevisível (SILVEIRA E CÓRDOVA, p.31. 2009)

É importante ressaltar que para a utilização do jornal, como fonte documental histórica, é necessário que se compreenda o cenário sócio-político em que esse circulava. Dessa forma, priorizasse a identificação dos personagens que protagonizavam e/ou orquestravam as produções jornalísticas veiculadas e para qual público era direcionado, vez que, por vezes, o meio jornalístico é também um lugar de poder e serve a

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

determinados personagens que acabam por estruturar os registros, de acordo com seus interesses políticos, construindo, assim, uma memória forjada no atravessamento de campos sociais (BARBOSA, 2007).

Para compreendermos a memória construída por essas relações, buscamos trabalhar as particularidades da memória amapaense a partir dos conceitos apresentados pelo historiador francês Pierre Nora em sua obra “Entre história e memória: problemática dos lugares”. Para o autor, os lugares de memória são elementos que não se sobrepõem a valores e conceitos históricos mas que habitam um espaço subjetivo desses. Os lugares podem ser ora materiais e ora simbólicos (ou simultaneamente ambos) guardando em comum sempre a “representatividade coletiva” como norteador de funcionalidade e existência desse lugar.

O cerne do conceito abordado consiste em entender que as memórias coletivas, enquanto produtos sociais, em geral remontam acontecimentos históricos, mas que nem sempre acontecimentos históricos possuem o condão de remontar memórias de uma região como a Amazônia ou as Amazônias. É necessário, dessa forma, que os fatos históricos devam se atrelar a elementos subjetivos da cultura daquele lugar, daquele povo, daquele Território Federal, para que possamos entender a memória coletiva desses espaços enquanto produtos culturais.

Para a percepção desse elemento subjetivo chamado cultura, irei me ancorar, preliminarmente, nas posições Theodor Adorno, que apresenta em suas obras sobre indústria cultural, como os meios de comunicação (e a arte) foram esvaziados de suas funções precípuas e cederam espaços para a construção de um público massificado. Em um segundo momento, a partir da percepção do autor Jesús Martín Barbero, buscarei entender os processos de mediações que são utilizados para que o detentor do poder se comunique, efetivamente, com o público massificado, fazendo emergir o ideal de uma mídia (e arte) popular feita nos moldes dos sistemas populistas de governos da América Latina.

Nessa via, é necessário entender três preposições: a primeira é de que a instauração do Território Federal do Amapá está inserido em contexto nacional da era Vargas, um presidente de alto cunho populista; segundo é entender que, em países que foram colônias, o sistema populista e os sistemas ditatoriais andam de mãos dadas; e por fim, entender que a imprensa e os meios de comunicação possuem forte influência na produção cultural do

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

espaço Brasileiro dos anos 40, época em que a mídia radiofônica e os jornais impressos tiveram seu auge.

Para essas discussões, dentro dessa obra analisarei o exemplar do Jornal “AMAPÁ” que marca o início da sua circulação, destacando que os demais exemplares encontram-se, em totalidade de arquivos disponíveis, no setor de obras raras da Biblioteca Pública Estadual Prof.^a Elcy Lacerda situada em Macapá – AP, assim como, estão disponíveis em parte (do ano 1943 até o ano de 1963) no acervo particular desses pesquisadores em formato midiático (fotografias). O trabalho que será desprendido a essas fontes não será de uma análise de fonte de forma positiva, e sim de um processo investigativo de desconstrução da fonte, entendendo as particularidades sociais, políticas, espaciais e temporais no qual a fonte analisada fora produzida veiculada.

4- O JORNAL “AMAPÁ” E SUA EDIÇÃO DE ESTRÉIA

Como mencionado, é no alvorecer do Amapá enquanto Território Federal que surge a necessidade de um instrumento de propagação das melhorias e de comunicados oficiais entre o governo e a população. É nessa perspectiva que nasce o jornal “AMAPÁ” que foi criado no dia 19 de março de 1945, em uma ocasião festiva e solene que coincidiu com as celebrações do padroeiro da capital Macapá (São José) e teve seu primeiro ciclo de atividades compreendidos entre os anos de 1945 a 1968.

Contudo esse não fora o primeiro editorial amapaense, ele foi precedido pelo Jornal Pinsonia que em 1895 havia iniciado sua circulação como pioneiro período Amapaense, seus primeiros exemplares foram produzidos na capital do Pará (Belém) e so em *posteriori* passaram a ser produzidos na cidade de Macapá com a chegada de máquinas de impressão; contudo, as atividades desse jornal encerram-se no ano de 1899.

Em seu exemplar de estreia, o jornal se propusera a ser uma espécie de “mediador” entre as relações da comunidade amapaense e a propagação de informações das políticas e obras que eram implantadas pelo interventor Janary, valendo-se em seu preâmbulo com a seguinte redação: “Fazendo circular hoje o primeiro número deste jornal, órgão oficial da administração pública, o Governo do Território do Amapá alcança um novo setor do programa que se traçou a cumprir” (JORNAL AMAPÁ, 1945).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Podemos observar, de maneira incipiente, que o editorial do Jornal do Amapá se pôs ao lado do interesse do interventor publicitando, em sua primeira edição, o Amapá mágico e utópico que se edificava com novos tempos, deixando para trás um passado “desvalorizado” o qual a região vivia. O texto preambular finda fazendo uma analogia a ser um “marco zero” para a integração comunicacional “Este número do ‘AMAPÁ’ é o marco zero de uma longa marcha que encetamos em prol da divulgação e da expansão do porfioso combate que se trava pela completa integração do brasileiro em seus legítimos domínios” (JORNAL AMAPÁ, 1945).

Ademais, no mesmo editorial, o interventor Janary dispôs, na página principal, de um enxerto (que nas demais edições se tornaria uma coluna fixa) onde se comunicava com o caboclo amapaense, exaltando suas características e destacando que o espírito nacionalista adormecia em cada amapaense, e só precisava de valorização:

O CABOCLO traz em si uma fortaleza incontestável: o ESPÍRITO NACIONAL. Para ele o estrangeiro é o homem de língua atrapalhada que arria com qualquer febrezinha e que teme os mosquitos como se fossem fantasmas. É o "brabo" mais errado que conhece. Copia os seus hábitos mas não o inveja. Tomai-o como exemplo, sibiritas do culto aos deuses de fora e do amesquinamento dos próprios (JORNAL AMAPÁ, 1945. P. 01).

Esse canal de comunicação aberto fazia parte do cerne populista de uma das figuras mais marcantes da política amapaense, vez que na maioria dos seus discursos, Janary buscava se colocar ao lado do povo, em uma relação de paridade. Ademais, vejamos a integra da capa de estreia do periódico.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



(Exemplar 01 Jornal do Amapá- Arquivo Municipal de Macapá)

Como supra aludido, precisamos entender o jornal “AMAPÁ” como um espaço de poder mediador; dessa forma, para substanciar essa discussão sobre estabelecimento e atravessamentos de poder mediados pelos meios de comunicação e a constituição de massas, é importante buscarmos respaldo nas ideias do autor alemão Theodor Adorno (1985), que apresenta em uma de suas obras sobre indústria cultural (A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas) percepções e problematizações sobre como os meios de comunicação e a arte foram esvaziados de suas funções precípuas e cederam espaços para a construção de um público apático e massificado.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

É importante ressaltar que por funções precípuas não estamos estabelecendo conexões com funções primárias, pelo contrário, as funções essenciais (precípuas) nem sempre são sinônimo de primeiras relações daquele produto, nesse caso a comunicação. O essencial da comunicação, na visão do professor Muniz Sodré (2007) é o espaço neutro, que será construído pela percepção (com) dos sujeitos e não do estímulo da consumação de projetos prontos e fechados, visando uma despersonalização dos leitores e transformação desses em meros espectadores acríticos, que em suma consistem em um público de massa.

Por massa, entende-se um grupo de pessoas não identificáveis que não existem nessa condição antes do contato com estímulos pré-estabelecidos que visam negar a subjetividade desses em prol de uma sentimento/atividade que os una objetivamente. O termo indústria cultural, dessa forma, transcende o sentido literal de produções que tiveram suas finalidades desvirtuadas e passa a se conectar com um estilo de vida, o sujeito passa a querer viver conforme leu/ouviu/descobriu ser o certo, sem possuir o direito de confrontar essa afirmação pré-estabelecida.

Essa perspectiva pode se extrair dos pensamentos de Adorno, que ao comparar criticamente as relações de trabalho e lazer das elites e proletariados europeus e estadunidense, observou que a produção e o consumo da cultura de massas possuía função alienadora, vez que o consumidor desconhece os entremeios da construção (esvaziada) de determinado conteúdo (in)formativo, o que lhe impossibilita a criticidade sobre determinado assunto, produto ou informação.

Observamos essa relação dentro das propostas editoriais do jornal do Amapá, que buscavam em sua estrutura projetar a forma como o amapaense deveria agir (hábitos, comportamentos); os sentimentos que deveriam perpassar por essa comunidade (patriotismo, auto identificação regional) e, principalmente, a projeção de um líder com características de salvador benevolente (Janary Nunes), a partir de uma produção unilateral do emissor que limitava as escolhas do receptor, neutralizando-o ideologicamente.

Essa neutralidade/passividade do receptor, segundo Adorno, revela-se como um projeto intencional da indústria cultural, uma vez que o uso da mídia pelo estado para o controle das massas é na verdade um mecanismo de dominação ideológica que consiste

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

na dosagem acertada entre entretenimento e informação, a ponto de não ser não ser ínfima o bastante para causar estranhamentos/perguntas, nem ao ponto de ser demasiada, possuindo capacidade de causar insurreições.

A estrutura do jornal “AMAPÁ” não era divergente dessa ideia massificadora, pelo contrário, o apelo popular é latente no corpo do periódico desde sua primeira edição que já se apresentava como um instrumento não somente de propagandas das obras e atividades do então governo interventor, mas também propôs-se como sendo um espaço de discussões e promoções sobre identidades e culturas amapaenses, visando unificar uma sociedade equilibrando discussões e assuntos (DE SOUZA, 2019).

Dessa forma, extrai-se das percepções preliminares sobre o Jornal “AMAPÁ” que ele fora, dentro da sua condição de veículo de informação, um braço forte para a implementação das ideias de governo da época, visando construir nos amapaenses a concepção de uma Amazônia não mais isolada e envolta em disputas/invasões territoriais, mas sim de uma Amazônia nacional, integrada ao Brasil, envolta em sentimentos nacionalistas e caminhando rumo ao progresso e desenvolvimento, forjando dessa forma uma memória local.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender o passado e correlacionar ele com fatos atuais é um exercício de democracia, é entender como as relações de poder se estabelecem, mesmo que silenciosamente, e conectam elos que ligam o oprimido com o opressor. Pensar na História do Jornal “AMAPÁ” como meio de construção política é, tacitamente, pensar nos meios de comunicações atuais como sujeitos sociais de construção e desconstrução de figuras/líderes a partir da prolação de discursos ou pela omissão desses.

Destarte, apresentamos em breves linhas os resultados da pesquisa de mestrado em andamento dentro do Programa de Pós Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará e com investimentos da Capes, produção que vem sendo construída em contexto pandêmico e com as adversidades que a pesquisa brasileira vem enfrentando, contudo, estamos caminhando, a passos calculados, e sempre buscando entender as relações comunicacionais na Amazônia a partir das suas individualidades e vivências.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A pesquisa encontra-se em processo de construção contínuo e constantemente é apresentada e refletida em ambientes acadêmicos, em especial dentro do Grupo de Pesquisa Comunicação, Linguagens, Discursos e Memórias na Amazônia (UFPA/CNPq) no qual a professora Netilia Seixas é coordenadora, visando alinhar as perspectivas e teorias abordadas entre os pesquisadores de memória e cultura da Amazônia, objetivando o fortalecimento dessa vertente de pesquisa dentro do norte do Brasil.

6- REFERÊNCIAS:

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas**. In: _____. Dialética do esclarecimento. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 99-138.

ALVES FILHO, Armando, et al. **Pontos de História da Amazônia**, volume I. - 2. ed. ver. ampl. - Belém: Paka-Tatu, 2000 (Cap. 3) pp. 11-25.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000** / Marialva Barbosa. - Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BRASIL. **Decreto-lei nº 5.812, de 13 de setembro de 1943**. Casa Civil- Rio de Janeiro, 1943.

CARDOSO. Francinete dos Santos. O contestado Franco-Brasileiro: conflitos e representações. NEVES, Fernando A. de F. e LIMA, Maria R. P. (orgs.). **Faces da História da Amazôn**. Belém: Paka-Tatu, 2006. Pp. 573- 626

DE SOUZA, Manoel Azevedo; BARREIRA, César. **Histórias vividas e narradas: os amapaenses no Jornal Amapá**. Revista de Ciências Sociais: RCS, v. 50, n. 1, p. 277-312, 2019.

REGINA, Elis. **Querellas do Brasil**. Composição: Aldir Blanc, Maurício Tapajós. Rio de Janeiro, 1978. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bkENNwwCqgM>. Acesso 12 ago 2021.

FERREIRA, Frederico de Carvalho. **Memórias teatrais nas cidades de Amapá/AP e Belém/PA: a presença norte-americana durante a 2ª guerra mundial (1939-1945)**. In: Anais da ANPUH – 30º Simpósio Nacional de História. Recife, 2019, p. 1-15. Disponível em: < <https://tinyurl.com/ya6t4rc8> >. Acesso em: 29 out 2020.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX**. Editora Companhia das Letras, 1995.

LUNA, Verônica Xavier. **Um cais que abriga histórias de vida: sociabilidades conflituosas na gentrificação da cidade de Macapá (1943-1970)**. Macapá: UNIFAP, 2017.

LOBATO, Sidney. **Educação e desenvolvimento: inflexões na política educacional amapaense (1944-2002)**. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, v. 23, 2018. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y8wk74fa>>. Acesso em: 29 out 2020.

NUNES FILHO, Edinaldo Pinheiro. **A base aeronaval norte-americana do Amapá Brasil pós-Segunda Guerra Mundial**. Revista Portuguesa de História, 2014, p. 299-323. Disponível em: <https://digitalisdsp.uc.pt/bitstream/10316.2/35377/1/RPH45_artigo15.pdf>. Acesso em 24 de out 2020.

NORA, Pierre. **Entre a História e a Memória: a problemática dos lugares**. IN: Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduandos em História do Departamento de História da PUC-SP N°. 10. São Paulo: EDUC, 1993.

SANTOS, Fernando Rodrigues. **História do Amapá: da autonomia territorial ao fim do janarismo**. Macapá: Editora Gráfica O Dia, 1998.

SILVA, Maura Leal. **Amapá, da transitoriedade à permanência: de território a estado (1943-1988)**. In: Jadson Luís Rebelo Porto; Alejandro Schweitzer.. (Org.). Estrategias territoriales para la ocupación del continente sudamericano: inserción de la periferia y institucionalización espacial. 1ed.Schweitzer. ? Macapá: UNIFAP/UNPA-UARG, 2018, v. 1, p. 1-172.

SILVEIRA, D. T.; CORDOVA, F. P. Unidade 2 - A pesquisa científica. In: Tatiana Engel Gerhardt; Denise Tolfo Silveira. (Org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, v. p. 31-42.

SOUZA, Manoel Azevedo de. **Imagens, memórias e discursos: a construção das identidades amapaenses no Jornal Amapá – 1945 a 1968**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Centro de Humanidades. Universidade Federal do Ceará. 2016.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

SODRÉ, Muniz. **Sobre a episteme comunicacional**. MATRIZES. V. 1, n.1, São Paulo, outubro de 2007, p. 15-26. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38174>. Acesso 08/06/2021

Periódico:

S/a. Sem título. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 01, nº 01, 19 mar. 1945, pg. 01.